

CINEMATÓGRAFO SERTANEJO: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E CINEMA NA UFAL.

Maria Viviane de Melo Silva¹
Krystila Andressa Costa da Silva²

Artigo submetido em JULHO/2018 e aceito em SETEMBRO/2018.

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de reflexões direcionadas pelo Projeto de Extensão “Cinematógrafo Sertanejo” na UFAL (Campus Sertão), iniciado em março de 2016, mostrando sua atuação a partir de discursos e debates entre história e cinema. No tocante às questões que perpassam estudos sobre cinema, buscamos auferir questões trabalhadas no projeto em detrimento dos diálogos que se inserem no cinema com a história, relacionando meios de análises entre ambos e demonstrando sua utilidade no universo acadêmico. Norteando-se sob os escritos de teóricos que englobam a perspectiva cinematográfica frente à história como Marc Ferro, Rosenstone, Alexandre Valim, Marcos Napolitano, entre outros, pretendemos desvelar como os posicionamentos e os debates sobre cinema contribuem de maneira significativa para um maior campo de investigação dentro do viés da história, expandindo seus horizontes e métodos.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. História. Universidade. Projeto de Extensão.

CINEMATOGRAPH BACKCOUNTRY: DIALOGUE BETWEEN HISTORY AND CINEMA IN UFAL.

ABSTRACT

This article was developed from reflections directed the Extension Project "Cinematograph Backcountry" in UFAL (Campus Sertão), started in March 2016, showing its performance from speeches and debates between history and cinema. With regard to issues that cut across film studies, we seek to earn issues worked on the project at the expense of dialogues that fit in to the film with the story, linking media analysis between the mand demonstrating its usefulness in the academic world. Is guiding under the writings of theorists who include the film perspective on the history as Marc Ferro, Rosenstone, Alexandre Valim, Marcos Napolitano, among others, we aim to reveal how the positions and debates about cinema contribute significantly to a higher field research in the bias of history, expanding their horizons and methods.

KEYWORDS: Cinema. History. University. Extension project.

INTRODUÇÃO

Os processos históricos nos fazem dialogar com diversas fontes para que melhor

¹ Mestranda em História – PROHIS/UFS. E-mail: viviane.melo@hotmail.com

² Graduanda em História – UFAL (Campus Sertão) E-mail: krys_costa@hotmail.com

possamos entender o seu contexto e, através do diálogo com o cinema, podemos abranger as perspectivas imagéticas em nossas fontes. O filme nos possibilita um mundo “novo” através das histórias que nos são apresentadas, comunicando diretamente com o espectador, que nem precisa ser cinéfilo para se encantar com as produções cinematográficas, percebendo esse potencial e através das novas correntes históricas, os historiadores começaram a dialogar com essa linguagem, e a desenvolver trabalhos que efetivam essa relação.

Dentro do contexto histórico, inicialmente abordaremos sobre algumas relações construídas entre a história e o cinema, fazendo uma reflexão a partir da ótica de alguns autores como Marc Ferro que nos aponta indagações para pensarmos o cinema não simplesmente como um mero “produto”, mas analisando-o a partir de critérios que serão colocados ao longo destes escritos, enfatizando alguns aspectos que nos faça perceber a relevância entre a história e cinema como elementos que se intercalam em variados prismas.

Posteriormente, elencaremos algumas visões frente à “abertura” e aos novos caminhos percorridos pelo cinema juntamente com a história. Ao refletir sobre os conteúdos das películas bem como os aspectos que perpassam para sua abordagem dentro do ramo histórico, buscaremos discutir também as implicações do cinema no contexto universitário por meio de uma explanação sobre o projeto de extensão intitulado “Cinematógrafo Sertanejo”, conectando sua proposta ao teor da história.

O Cinematógrafo Sertanejo, projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão), é uma das efetivações da relação Cinema e História, na universidade, propondo que a linguagem cinematográfica seja debatida no ambiente acadêmico. A exibição dos filmes gera, posteriormente, um debate a cada sessão, guiado pela perspectiva histórica, mas não excluindo a comunicação com os outros cursos ofertados no Campus. Para que essa relação aconteça, precisamos entender as relações que acompanham a pesquisa nos ramos do Cinema e História, o desenvolvimento e objetivos do projeto que serão apresentadas ao longo do texto.

CINEMATÓGRAFO SERTANEJO: O CINEMA NA UNIVERSIDADE.

Cinema e História: breve reflexão.

A arte de encantar com as imagens em movimento e atrair a atenção dos espectadores está conectada ao cinema, uma linguagem que até os dias atuais é tão significativa para quem

assiste, sendo por prazer ou fonte de pesquisa. As histórias carregam sentimentos que vão do emocional ao eletrizante marcando gerações, seja com uma trilha sonora, uma cena de beijo ou despedida, marcas que ficam em nossa memória dos filmes favoritos.

Se analisarmos suas origens os criadores do primeiro Cinematógrafo, os irmãos Lumière, desacreditavam da sua invenção afirmando que o “cinematógrafo” não tinha o menor futuro como espetáculo, mesmo que a diversão viesse no começo, logo ficaria cansativo para o público (BERNARDET, 2012, p. 11). Os filmes curtinhos que chamavam atenção pela realidade foram ganhando cores, sons, efeitos especiais e um público que aprendeu a admirar e valorizar as produções cinematográficas. De 1895 ao tempo presente percebemos o quanto essa indústria simboliza através dos aspectos de construção ideológica em suas respectivas narrativas históricas, ou como os filmes “comerciais” lucram milhões em suas distribuições ao longo do mundo.

De maneira que os historiadores foram percebendo a potencialidade do filme se tornar uma fonte histórica, sendo eles produzidos para ter um caráter histórico ou de propagandas ideológicas que marcaram alguns regimes políticos ditatoriais no curso da nossa história. A vertente Cinema e História foi melhor explorada na iniciativa de pesquisa de Marc Ferro a partir da década de 1960 (século XX), quando começou a analisar arquivos fílmicos sobre Primeira Guerra Mundial.

Marc Ferro compreendeu que as imagens continham mais informações a serem exploradas do que alguns documentos escritos (SCHVARZMAN, 2013, p. 188), percebendo essa potencialidade, a necessidade de explorar essa fonte de maneira mais efetiva deu base para a construção de análises históricas, quando nos propomos a analisar um filme estamos além da experiência de assisti-lo, mas trabalhamos através de uma pesquisa maior que abordará quem produziu, roteirizou, editou. Nosso questionamento está além do produto final, estudamos as etapas da construção fílmica para entender o que é sugerido através das linhas imagéticas do cinema.

A natureza do cinema permitia que lapsos se evidenciassem. Se havia censura, havia um conteúdo latente. E o cinema, baseado em imagens, permitia que esses fragmentos do não-dito aflorassem, apesar dos controles. Analisá-los permitia ao historiador acesso a uma documentação inédita e diferente daquela encontrável nos arquivos controlados pelo Estado ou pelo Partido Comunista (SCHVARZMAN, 2013, p.192).

O cinema é plural, consegue dialogar com diversas camadas da sociedade.

Incomodando assim algumas classes por conseguir escapar do controle da censura em alguns pontos, uma frase censurada poderia ganhar voz num olhar ou expressão do ator em cena, nessa perspectiva Ferro (1992, p.86) dialoga e nos apresenta o filme como uma contra-análise da sociedade, afirmando que toda produção é História, já que testemunha os fatos.

“Os filmes, pois, nos levam a repensar a historicidade da própria história, através da reflexão que eles impõem sobre as modalidades de narrativas, assim como a propósito da relação entre realidade e representação, verdade e ficção na história” (LAGNY, 2009, p.100). A película então apresenta e transparece todas as características do seu tempo, mesmo divergindo entre os gêneros como os que são considerados filmes de época ou futurista.

As filmagens não são cronologicamente sintonizadas ao tempo presente, mas a narrativa construída junto à direção e edição é própria do ano em que foi produzida, o não visível³ deve ser tão bem questionado quando o produto final do filme, embasando toda a pesquisa histórica que aborda as relações entre cinema e história, no campo acadêmico ou na utilização em sala de aula.

Os historiadores têm efetivamente uma simpatia mais forte, ainda que num primeiro momento, pelo “cinema do real”, como são chamados às vezes os documentários ou as atualidades, em detrimento da indústria do imaginário que é a ficção produzida para o prazer dos espectadores e lucro dos produtos. É claro que, de fato, tudo não é elementar e os historiadores – já nos assinalaram – rapidamente experimentaram o mais vivo interesse pelos filmes de ficção (LAGNY, 2009, p. 112).

A possibilidade de trabalhar com vários gêneros fílmicos, enriquece ainda mais a pesquisa, os documentários ou cine jornais, deixam de ser o documento que mais perto chegariam da “verdade”, assim como os “longas metragens dramáticos⁴” ou “filmes históricos⁵” que são muito utilizados pelas produtoras como uma forma de lucro, podem ser utilizados pelos historiadores, quando percebemos e aceitamos que as consciências históricas são trabalhadas pelas mídias visuais, ai começamos o ofício do historiador em investigar como esses filmes criam um mundo histórico (ROSENSTONE, 2015, p.29).

³ O não visível diz respeito a estudar a produção do filme, entendendo as características da direção, edição, produção, consiste no “por trás das lentes”, chegando a compreensão não só da obra, mas do produto final (FERRO, 1992,p.87).

⁴ Fazem com que você se sinta tão envolvido com a história do filme, que passe a sentir as mesmas emoções que as personagens da história, a intenção estar em vivenciar a dor e o prazer do passado. (ROSENSTONE, 2015, p.34).

⁵ Esse tipo de filme está mais ligado a biografias, narrativas populares e de grandes reis e rainhas dos séculos passados (ROSENSTONE, 2015, p.34).

A importância em entender a relação Cinema e História, permite abrangência em nossas fontes, apresentando informações que testemunhem aquele período. A função do historiador em problematizar, entender as entrelinhas, analisar os contextos históricos no qual estão sendo produzidos os filmes, contribui na maneira de efetivar sua escrita, executando o seu ofício de historiador.

Ampliando os horizontes sobre história e cinema.

As nuances que perpassam a ótica do cinema são variadas. Nos últimos anos,⁶ os estudos sobre cinema vêm se alargando cada vez mais, contribuindo para um notório avanço intelectual no que diz respeito ao tema cuja quantidade de informações e contribuições abarca múltiplos saberes que envolvem diversas áreas como a história. Seja envolvendo a película, diretamente, no sentido de analisar o conteúdo do filme, seja no seu viés estético ou de sua produção, bem como o próprio ambiente (salas de cinema). Segundo Alexandre Valim (2012, p. 283), no que concerne ao filme, enviamos para três segmentos distintos: a emissão, a mediação e a recepção.

Dentro de tal contexto, discutir os elementos colocados por Valim nos aponta para uma visão mais ampla acerca da sétima arte. “Trabalhar” com cinema nos permite navegar por diversos mares, seja ele no cunho ligado ao ensino de história, a sua abordagem como fonte histórica, aos elementos imagéticos (estéticos), dentre outras possibilidades que são auferidas. Dentro do campo da história, ocorreu uma grande evolução e mudanças fundamentais que corroboraram para que a sétima arte não só ganhasse espaço nas diferentes esferas de debates e produção acadêmica como também na aplicabilidade do mesmo para as aulas no que concerne ao teor metodológico.

A escola dos Annales (1929) rompeu completamente com a historiografia tradicional e inaugurou uma nova concepção de história, que trouxe no seu bojo considerações enriquecedoras sobre as fontes. [...] Por volta dos anos 70, entretanto, o cinema já havia se consolidado como arte de massa [...] Muitos, então, se propuseram a investigá-lo, na tentativa de dar conta da complexidade de sua linguagem áudio-visual e da relação que possuía com o meio em que estava inserida, embora ainda houvesse certa atmosfera de desconfiança e temor com relação àquela máquina de fabricar imagens. (NAVARRETE, 2008, p.21).

⁶Valim (2012, p. 283) afirma que desde a década de 1940 autores brasileiros tem discutido parâmetros para análises sociais do cinema.

Em virtude da “abertura” que o cinema ganhou ao longo do tempo, muitos trabalhos de cunho acadêmico desde monografias à teses, foram produzidos nos eixos apontados por Alexandre Valim, tendo no cinema um traço relevante para a contribuição do desenvolvimento na pesquisa histórica, pois “A aceitação do cinema como fonte histórica indica uma mudança do estatuto do historiador na sociedade, assim como mostra a nova utilidade que certas fontes passam a ter em função de uma nova missão.” (MORETTIN, 2011, p.47). Missão esta que se enquadra no princípio norteador deste trabalho, cruzando espaços que tendem a ser cada vez mais ocupados pelo historiador.

Cinematógrafo Sertanejo: o cinema na universidade.

Dentro das diversas perspectivas que norteiam a questão cinematográfica, especificamente no campo da história, o Projeto de Extensão “Cinematógrafo Sertanejo”⁷, iniciado em março de 2016 na Universidade Federal de Alagoas - UFAL (Campus do Sertão), surgiu mediante a necessidade de inserir na universidade um espaço que dialogue com a sétima arte visando demonstrar sua interação com variadas áreas, mostrando sua aplicabilidade para além de um conhecimento meramente “ilustrativo” ou do senso comum. Sobre o projeto é válido ressaltar que:

A iniciativa, que será realizada ao longo de todo o ano, tem como objetivo aprimorar o uso do Cinema nas interpretações historiográficas e de filmes na sala de aula e contará com a exposição de filmes e debates. A exibição dos filmes será feita em dias não consecutivos e em semanas diferentes. (PEREIRA, 2016, p.1)

É importante frisar que um dos objetivos do projeto é estabelecer uma conexão entre análise fílmica vinculada a uma discussão dentro de uma problemática de cunho histórico para que o público não apenas dialogue com os elementos da película, mas com seu contexto, elencando possibilidades de abordagens diversas tanto para seu uso em sala de aula como também em trabalhos de cunho acadêmico que perpassam por tal temática e veículo de abordagem. Dentro de tal perspectiva e por meio da existência de outros projetos que envolvem

⁷O projeto mencionado foi articulado pelo Prof. Dr. Aruã Silva de Lima (Doutor em História Social – USP e Professor Assistente – UFAL Campus do Sertão) tendo como colaboradoras Maria Viviane de Melo Silva (Mestranda em História – UFS) e Krystila Andressa Costa da Silva (Graduanda em História – UFAL)

cinema, destacamos:

O Cinema Universitário tem como objetivo proporcionar reflexões acerca dos conceitos apresentados nos filmes, utilizando a linguagem cinematográfica como ponto de partida para as conversas acerca das teorias que podem ser percebidas nas tramas. Além da função didática, esta atividade, também tem como proposição ofertar uma programação cultural para a comunidade. (MILHOMEM, 2010, p.2)

No tocante ao cinema, o “Cinematógrafo Sertanejo” proporciona um espaço de interação entre os estudantes da universidade não apenas do curso de licenciatura em história, contemplando uma troca de informações e conhecimento com graduandos de Letras, Geografia e Pedagogia (outros cursos ofertados no campus do sertão). Numa ótica cinematográfica, os usos e abusos que a sétima arte pode inferir, suscita também um aparato de significado para o sertão, pois vários filmes colocaram e colocam o “sertanejo” em questão, mostrando sua representação frente às telas do cinema, criando estereótipos sobre o mesmo. Desta feita, a valorização em torno dessas produções bem como uma reflexão acerca do que mostrado no filme em função das especificidades dos protagonistas.

Uma vez que o público alvo do projeto de extensão é a comunidade acadêmica dos cursos de licenciatura, especialmente o de história, as discussões auferidas não apenas nivelam sob o prisma de produção acadêmica como também se inserem no quesito do uso dos filmes em sala de aula. É imprescindível que o professor que por ventura, queira utilizar filmes em suas aulas, independente da maneira e da forma de abordagem feita, tenha um caráter reflexivo e crítico sobre o filme elencando suas possibilidades de análise.

No caso do ensino de História, as possibilidades de uso do cinema em sala de aula podem ser resumidas em três aspectos: a história do cinema, que contribui para situar os filmes estudados em seus tempos e lugares, a história no cinema, que reflete sobre como os filmes produzem interpretações a respeito do passado e contribuem para formar conceitos históricos e a história com cinema que utiliza os filmes como documentos, como fonte de informações. Cada um deles refere-se a um tipo de abordagem diferente. (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012, p.31-32)

Deste modo, a apreciação de um filme exige, dentro do campo histórico ou mesmo em sua utilização em sala de aula, uma sondagem que condicione a percepção “aguçada”, destrinchando elementos notórios que nem sempre são perceptíveis ou suscetíveis de observação num dado momento, pois:

O filme possui um movimento que lhe é próprio, e cabe ao estudioso identificar o seu fluxo e refluxo. [...] Trata-se de desvendar os projetos ideológicos com os quais a obra dialoga e necessariamente trava contato, sem perder de vista a sua singularidade dentro de seu contexto.(MORETTIN, 2011, p. 62 e 63)

Uma das propostas no tocante à exibição é que o público desperte seu interesse para uma análise mais concisa sobre o filme e perceba como o cinema é vasto no seu campo e possibilidades de explanação, abrindo novos caminhos de análise sobre esse tema que se encontra tão recorrente em diversos meios, contribuindo, efetivamente, para seu desempenho enquanto profissional. “O importante ao analisar tais documentos, de todo modo, é ter no horizonte que os filmes precisam ser decupados, ou seja, é preciso dividir e reorganizar a narrativa de acordo com as questões consideradas essenciais em dada pesquisa.” (VALIM, 2012, p. 298).

Observamos que os rumos que se pode ter, engajados ou não na pesquisa acadêmica, para abordarmos o cinema e mais precisamente o filme, pode se apresentar de diversas formas, seja como fonte, como recurso didático ou ainda como metodológico. Por isso, o projeto de extensão, alvo deste artigo, visa contribuir com as discussões latentes em torno do cinema, suscitando debates, interlocuções e produções dentro da temática envolvente na história.

Eixos históricos: olhares sobre o cinema.

A proposta das discussões e da forma que se realiza o “Cinematógrafo Sertanejo” perpassa por um caminho de atividades e escolhas que configuram a execução do mesmo. A estrutura, organizada em quatro eixos⁸ temáticos, cada um contendo três exibições fílmicas, busca atender aos interesses do público por meio de alguns assuntos discorridos que ampliem as perspectivas e os olhares sobre o cinema. Sobre a configuração do projeto, o coordenador, Aruã Lima, menciona: “O formato da atividade de extensão será de exposição dos filmes e debate. Este último será dirigido por um roteiro de questões elaboradas pelo mediador responsável de cada eixo que será entregue e explicado no início de cada encontro.” (PEREIRA, 2016, p.1)

Ressaltamos que os mediadores são os integrantes do projeto e que cada um discorre

⁸ O último eixo (ainda não definido até a data de submissão deste artigo) será conduzido por alunos que fazem parte do público do projeto de extensão para uma maior inserção e participação dos mesmos, sob auxílio da equipe coordenadora do projeto.

questões que problematizem a temática levantada em cada eixo. Os temas envolventes foram: “Guerra fria”⁹, “Pós-Modernidade”¹⁰ e “Fontes Históricas”¹¹ sendo exibidos filmes que fizessem uma conexão com assunto em destaque e que despertasse apontamentos diversos sobre os pontos em análise. A ideia de expor mais de uma película em cada eixo, objetiva proporcionar uma gama de apontamentos, discursos e debates em torno dos filmes junto com as temáticas.

Pensar os gêneros em um universo cultural significa considerá-los instrumento de mediação fundamental entre produtores, produtos e receptores da cultura; portanto, entendê-los dentro desse contexto é um passo essencial para a compreensão da relação história-cinema. Sendo peça chave para o entendimento do cinema a partir da história social, a historicidade dos gêneros cinematográficos pode desvelar caminhos até então pouco ou mal percorridos. (VALIM, 2012, p.294)

Os critérios definidos para a abordagem dos filmes exibidos em cada eixo do projeto em foco, percorrem por um prisma em que se estabeleça um vínculo em detrimento das faces que o engloba, passando por um rigor que trata desde conteúdo estético, momento histórico, sociedade a qual ele está inserido, a problemática levantada, e sua própria contribuição na articulação do tema. “O cinema, portanto, possui o potencial de ampliar o conhecimento histórico.” (COSTA, 2010, p. 7). Uma vez que o filme ao passo que é questionado também é um elemento questionador, passível de elementos que introduzam uma reflexão acerca de determinadas épocas e assuntos.

Todo documento, incluindo os documentos de natureza audiovisual, deve ser analisado a partir de uma crítica sistemática que dê conta de seu estabelecimento como fonte histórica (datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica do seu “testemunho”) [...] Mesmo que o historiador não esteja preocupado com os aspectos estéticos de um filme, essas categorias não podem ser negligenciadas. (NAPOLITANO, 2015, p.266 e 267).

Em função do que Napolitano expõe é que o projeto também contribui para essa dimensão no tocante à análise fílmica. Diante de tantas questões envolventes nos filmes, buscar estabelecer e levantar questões de ordem estética conectadas ao conteúdo é de grande valia para

⁹“Circus” (1936), “Ninotchka” (1939) e “Missão em Moscou” (1943) foram os filmes do eixo.

¹⁰ “Declínio do Império Americano” (2004), “Invasões Bárbaras” (2003) e “A Era da Inocência” (2008) formaram o segundo eixo.

¹¹ “Uma cidade sem passado” (1990), “Narradores de Javé” (2004) e “A história oficial” (1985) elencaram o penúltimo eixo.

que se tenha de maneira conjunta os traços de ordem estética e se perceba que “essas características das fontes audiovisuais não são limites para o historiador, mas o ponto de partida para o trabalho de crítica historiográfica” (NAPOLITANO, 2015, p. 268).

Cada eixo proposto pelo projeto, trabalha em uma linha de pensamento específica, mas se assemelham quando passa para o debate de cada filme, e as ordens estabelecidas de exibição. O Eixo “Guerra Fria”, por exemplo, segue cronologicamente o lançamento a respeito dos filmes, mas difere nos diretores e produtores, porém no Eixo “Pós-modernidade” é trabalhado o diretor canadense Denys Arcand na franquia dos seus filmes a respeito de um “mal” estar moderno ou pós-moderno. Algo a ser evidenciado, chamando nossa atenção, é que por mais divergentes que os temas se apresentem, eles são históricos, testemunhas do seu tempo e, ao serem debatidos num projeto de extensão, possibilita uma reflexão mais “ampla” sobre os temas em questão.

O Eixo “Guerra Fria” trabalha com filmes que testemunham um dos momentos mais marcantes da nossa História, o conflito ideológico que surgiu entre Estados Unidos e União Soviética, nas décadas de 1930 e 1940, são filmes que dialogam através da propaganda política. Usando comédias musicais, drama e romance percebemos que em todos os gêneros a propaganda política esteve presente, por mais “inocente” que um gesto desses personagens fosse emitido, eles simbolizavam esse conflito ideológico, que vai ganhando mais força ao fim da Segunda Guerra Mundial, e o cinema vai sendo utilizado e se articulando durante todo esse processo histórico.

No Eixo referente à “Pós-Modernidade” é uma trilogia do mesmo diretor, perpassando da comédia ao drama, sendo filmado no início do século XXI, carregado de conotações sobre o novo. É provocativo e inquietante, pois ao longo das histórias uma das principais características na exibição desse eixo, estava em problematizar o nosso “mal-estar moderno”. Carregado por um humor ácido e piadas sarcásticas, vemos personagens que vão se perdendo em seu estilo de vida, ficando ultrapassados, morrendo ao longo da história tanto no sentido literal da palavra, como no seu estado de espírito. Arcand, o diretor trabalha subjetivamente todos os seus questionamentos, nos deixando provocados e inquietos ao longo do filme, e posteriormente no debate.

Ao tratar do Eixo “Fontes Históricas”, os filmes exibidos dialogam na vertente dos impasses encontrados pelo historiador na atribuição e uso das “fontes”, tanto no que concerne ao caráter e aos critérios da pesquisa acadêmica quanto ao uso do próprio filme como fonte. Os

filmes são de países diferentes, envolvendo drama, comédia, o que atribui um diálogo entre as abordagens cinematográficas e os conteúdos que se interligam nos mesmos como forma de levantar posicionamentos sobre a conjuntura expressa nos filmes. As questões vão desde os desafios e possibilidades até os conflitos no tocante ao uso dos filmes como “reprodutores” da história, proporcionando uma reflexão acerca do papel do historiador e das suas incumbências diante das vertentes e análises historiográficas, especialmente no que se refere ao cinema.

Como fora mencionado no segundo ponto deste trabalho, o último eixo, ainda não intitulado, não se realizou. Entretanto, como o projeto irá ocorrer durante todo o ano, a participação da comunidade acadêmica será de suma relevância para que se alcance um dos objetivos do projeto que visa proporcionar debates e reflexões sobre os atributos que envolvem o cinema. Assim, as discussões propagadas ao longo de todo o período do “Cinematógrafo Sertanejo”, refletem não apenas no interesse dos acadêmicos ao referido tema em foco, mas na sua utilização para ampliação dos saber histórico, estabelecendo pontes para a história com o cinema e do cinema consigo mesmo.

CONCLUSÃO

Discutir os vieses que estão presentes em relação ao cinema nem sempre é uma tarefa fácil, pois muitos são rumos que se pode tomar diante dos mecanismos que se inserem junto a ele. Ao se criar um projeto cujo referencial é ampliar os horizontes da história ligada ao cinema, buscamos demonstrar como esse mecanismo que, para alguns, pode ser “simples” ou até “supérfluo” sai dessa característica para algo mais complexo com uma quantidade rica de informações que enveredam para discursos e formas sobre a relevância do cinema na história e da sua contribuição com a mesma e vice-versa.

Ao analisar a ótica dos filmes por meio de autores que tratam do mesmo como veículo de transmissão e informação, requerendo um certo “cuidado” em torno de sua apreciação, buscamos refletir as principais questões norteadoras do projeto de extensão que visa incutir nos estudantes um senso crítico sobre filmes nos seus pontos estéticos, na sua narrativa e em tantos outros elementos que os constitui, levando-os não só a pensar sobre isso, mas nos conteúdos explanados, nos seus atributos em sala de aula e no próprio cinema como objeto de pesquisa.

Sendo assim, levar determinados debates sobre tal feito aos acadêmicos da UFAL (Campus Sertão), provoca não apenas um debate em extensão sobre uma questão cada vez mais

presente nos discursos e trabalhos envolvendo o campo da história com outras áreas, como viabiliza os estudos sobre cinema, não apenas enquanto componente de pesquisa, mas como ferramenta de estudos que envolvem diferentes assuntos, contextos sociais e situações que se encontram cada vez mais latentes tanto na sala de aula quanto no meio universitário.

REFERÊNCIAS

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

COSTA, Grace Campos; DIAS, Rodrigo Francisco. **O cinema como narrativa histórica: Robert A. Rosenstone e a linguagem histórica fílmica**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/RESENHA_2_RODRIGO_DIAS_GRACE_CAMPOS_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em: 19/07/2016

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte histórica. In: NÓVOA, Jorge. FRESSATO, Soleni Biscouto. FEIGELSON, Kristian. (Orgs.) **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MILHOMEM, André Luiz; NEZ, Borges; PEREIRA Maria Aparecida Oliveira; RODRIGUES, Waghma Fabiana Borges. **Cinema Universitário: A extensão como espaço para a formação continuada de professores na Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)**. Disponível em: <http://www2.unemat.br/milhomem/files/dwl/artigos/AnpedSul2010_44_2.pdf>. Acesso em: 10/09/2016.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena. MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. SALIBA, Elias Thomé. (Orgs.) **História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2. Ed. São Paulo: Alameda, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NAVARRETE, Eduardo. **O cinema como fonte histórica: diferentes perspectivas teórico-metodológicas**. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/3539/3273>>. Acesso em: 29/08/2016.

OLIVEIRA, Regina Soares de; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. História e música. In: CANO, Márcio Rogério (coord.) Coleção: a reflexão e prática no ensino. **História**. São Paulo: Blucher, 2012.

PEREIRA, Deriky. **Campus do Sertão realiza Projeto Cinematógrafo Sertanejo.** Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/noticias/2016/3/campus-do-sertao-realiza-projeto-cinematografo-sertanejo>>. Acesso em: 12/03/2016.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SCHVARZMAN, Sheila. **Marc Ferro, cinema, história e cinejornais: *Histoire parallèle e a emergência do discurso do outro.*** Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF26/6.5_Marc_Ferro_cinema_historia_e_cinejornais.pdf>. Acesso em: 28/08/2016.

VALIM, Alexandre. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (ORG). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.